

Bolsonaro expôs o Brasil à fome e negligenciou as vacinas, diz agência internacional

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

“O Brasil chegará ao final de 2021 com um nível de desigualdade que tínhamos na década de 1990”, diz Tereza Campello. pandemia de favela surgiu praticamente da noite para o dia, quando as pessoas começaram a usar tábuas de madeira recolhidas para construir barracos em um terreno baldio em São Paulo, a maior cidade do Brasil. Geovani de Souza e sua esposa grávida estavam entre as 200 famílias que se mudaram nos últimos seis meses em meio à turbulência econômica causada pelo COVID-19. “Sem emprego, não consegui pagar o aluguel, fui despejado de onde morava e encontrei a solução aqui”, disse de Souza, que agora conta com trabalhos ocasionais como pedreiro. Histórias semelhantes abundam. A rápida criação da favela Penha Brasil reflete um ressurgimento da pobreza depois que o governo limitou a turbulência socioeconômica em 2020 com um dos programas de bem-estar mais generosos do mundo. Agora esse fluxo de dinheiro foi restringido, deixando os brasileiros vulneráveis expostos ao aumento dos preços dos alimentos e a um mercado de trabalho ainda pior. E a tensão surge em um momento em que não há esperança de vacinação em massa a curto prazo para proteger a força de trabalho. “O bem-estar do governo será menor e o processo de recuperação será mais difícil por causa da pandemia e da vacinação lenta”, disse Sérgio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associates, de São Paulo. “As pessoas são mais pobres, têm contas mais caras e comida mais cara. ... Vai ser difícil sobreviver.” No ano passado, o governo brasileiro forneceu pagamentos que totalizaram quase 300 bilhões de reais (US \$ 55 bilhões), que atingiram 68 milhões de pessoas, cerca de um terço da população. O dinheiro impulsionou a atividade econômica enquanto o presidente Jair Bolsonaro denunciava restrições com o objetivo de conter a pandemia. A recessão brasileira, que encolheu a economia em 4,1%, foi menor do que a de países da mesma região, onde algumas economias despencaram duas vezes mais. Mas o governo federal retirou a tábua de salvação do bem-estar no final do ano, priorizando as finanças públicas em dificuldades e não prevendo o brutal tsunami COVID-19 que se materializou em janeiro. O bem-estar foi retomado em abril, mas para cerca de dois terços do número de pessoas. Eles também estão recebendo menos da metade dos valores mensais anteriores. O mercado de trabalho do Brasil despencou, junto com o de outras economias latino-americanas com muitos trabalhadores informais, de acordo com uma comparação internacional publicada em 14 de maio pelo instituto de pesquisa econômica do governo. Nos três meses até fevereiro, a taxa de subutilização do Brasil – composta por desempregados, pessoas com poucas horas de trabalho e potenciais trabalhadores fora da força de trabalho – subiu para 29,2%, o maior nível para o período desde 2012, de acordo com o instituto nacional de estatísticas. Inclui 14,4% de desemprego, que a Vale prevê que aumentará ainda mais. A pobreza – definida como famílias que vivem com menos de um salário mínimo – disparou no primeiro trimestre de 2021 para o nível mais alto em pelo menos nove anos, depois de despencar no ano passado, segundo Marcelo Neri, diretor do centro de políticas sociais da Fundação Getulio Vargas. A insegurança alimentar das pessoas com empregos informais é quádruplo em relação aos assalariados, segundo Tereza Campello, ex-ministra do Desenvolvimento Social. “Isso mostrou como a mão de obra se tornou precária desde que o Brasil removeu muitas proteções”, disse Campello. “Mesmo quem trabalha e está mais exposto ao vírus vive em uma situação quase tão ruim quanto estar desempregado.” À medida que a renda cai, os preços sobem, o que significa que os desfavorecidos são duplamente pressionados. A inflação está subindo em seu ritmo mais rápido desde 2016 – 6,8%. Nos últimos 12 meses, o custo de alimentos básicos como a mandioca aumentou 18%, o arroz 57% e o feijão até 51%. Moradores de favelas aceitaram kits de comida de organizações sem fins lucrativos como a Rio de Paz. Seu fundador, Antônio Carlos Costa, disse que alguns destinatários choram de gratidão. Vânia

Heleno dos Reis, 52, disse que a previdência no ano passado permitiu que ela parasse de limpar as casas, mas ela retomou por volta do final do ano e não parou mais. Ela e o marido, Pedro, um faz-tudo, não comem carne há semanas e, em vez disso, comem frango, ovos, arroz e feijão. “Pedro gosta de comer muito pela manhã, mas agora ele também está tentando reduzir para um pão em vez de dois para que possamos economizar um pouco para o final do dia”, disse dos Reis em um supermercado perto de Heliópolis, em São Paulo maior favela. “Eu gostaria de poder ficar em casa. Simplesmente não podemos”, acrescentou ela. “Eu me protejo tanto quanto posso. Eu conheço pessoas que morreram de COVID. Mas não posso morrer de fome.” A propagação do COVID-19 acelerou este ano, causando mais mortes nos primeiros quatro meses de 2021 do que em todo o ano de 2020. Quase 2.000 pessoas ainda morrem a cada dia – uma contagem superada apenas pela Índia. Os países vizinhos também estão sofrendo. O maior número de mortes semanais per capita no mundo agora é encontrado no Brasil e em cinco outras nações latino-americanas e caribenhas, de acordo com o Our World in Data, um site de pesquisa online. O produto interno bruto regional contraiu 7,4% em 2020, marcando o pior ano único desde 1821, quando os países estavam se livrando do jugo colonial, de acordo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento. “Em 2019, a região voava com um motor quebrado. Em 2020, seu outro motor também foi atingido”, escreveu o economista-chefe do banco, Eric Parrado, em um relatório de março. “O desafio que enfrentamos agora é levar esta aeronave em segurança, resgatar os passageiros e nos preparar para os reparos necessários.” Os ricos da região estão voando para os Estados Unidos para receber vacinas, deixando os pobres à mercê dos calendários locais de vacinação. A maioria das nações carece de vacinas, mas o governo do Brasil em particular negligenciou os acordos. Em vez disso, apostou alto na AstraZeneca e, assim que surgiram problemas de abastecimento, comprou apenas um backup, o CoronaVac de fabricação chinesa. A produção local de ambas as vacinas foi temporariamente suspensa na semana passada em meio à escassez de novos produtos. Somente em fevereiro o governo brasileiro começou a assinar acordos com outros fornecedores – tarde demais para adquirir um fornecimento significativo até a segunda metade de 2021. Apenas 8,9% da população está totalmente vacinada. “A melhor política econômica hoje é a vacinação em massa. Precisamos vacinar rapidamente a população para garantir um retorno seguro ao trabalho”, disse Adolfo Sachsida, secretário de política econômica do Brasil, em entrevista coletiva em 18 de maio. Vale disse que as pessoas se acostumaram a não fazer o que é necessário para conter a disseminação do vírus. Isso significa uma chance crescente de outra onda COVID-19 no terceiro trimestre, disse ele. Logo depois, no início de setembro, o reduzido programa de bem-estar social será encerrado – a menos que o governo ceda à pressão por sua extensão. “Tudo aponta para uma piora da situação social”, disse Campello, o ex-ministro do Desenvolvimento Social. “O Brasil chegará ao final de 2021 com um nível de desigualdade que tínhamos na década de 1990”.

